



A CONDIÇÃO JUVENIL BRASILEIRA NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO INTEGRADO: PERSPECTIVAS TEÓRICAS EM ANÁLISE

Raquel Francisca da Silveira; Adriano Machado Oliveira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO Campus Palmas. E-mail: raquel.silveira@ifto.edu.br

Universidade Federal do Tocantins - UFT. E-mail: adriano.oliveira@mail.uft.edu.br

Resumo: Este estudo procurou investigar as construções de sentido de estudantes dos terceiros anos do ensino médio integrado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO) – Campus Palmas. Dessa forma, buscou-se analisar, qualitativamente, as possíveis relações entre essas construções de sentido, acerca do Ensino Médio Integrado, bem como acerca das práticas docentes na instituição ora em foco, e os discursos hegemônicos da sociedade contemporânea. A metodologia utilizada, de cunho qualitativo, foi a realização de entrevistas semiestruturadas para uma melhor compreensão das questões levantadas na pesquisa. A análise dos dados foi efetuada a partir da análise de conteúdo, o que nos propiciou um melhor entendimento das construções de sentido dos sujeitos pesquisados. O referencial teórico utilizado contou com diversos autores que abordam a condição juvenil brasileira na escola de ensino médio integrado, buscando entendê-la sob a intrincada relação entre cultura contemporânea, instituições educacionais e condição juvenil na atualidade. O presente estudo infere, através dos dados obtidos, que os discursos contemporâneos podem estar a redirecionar o desejo de parte significativa dos professores do IFTO/Campus Palmas para fora dos muros do ensino médio integrado, o que vem a denotar um desinvestimento do ato de ensinar.

Palavras-chave: Ensino médio integrado, adolescência, sociedade contemporânea.

Introdução

A presente pesquisa surgiu da necessidade de entendermos em que medida as transformações ocorridas nas últimas décadas têm influenciado as concepções dos sujeitos adolescentes, bem como em que medida a cultura contemporânea acaba por impactar a atribuição de sentido em relação ao Ensino Médio Integrado, pelos próprios estudantes.

Pensar a atual condição juvenil brasileira na escola de ensino médio integrado requer que analisemos as transformações sociais, culturais e subjetivas pelas quais tem passado a sociedade ocidental nos últimos 50 anos (DAYRELL, 2007; SILVA, PELISSARI e STEIMBACH, 2013; BAUMAN, 1998; BIRMAN, 2006; JERUSALINSKY, 2004; JUSTO, 2012; OLIVEIRA, A. M., 2012, 2012b e 2014; OLIVEIRA, A. M. e TOMAZETTI, 2012). Desde meados da década de setenta, “[...] vive-se um contexto político de desregulamentação das economias nacionais em favor da liberdade concedida ao capital [...] com suas inevitáveis incidências na vida privada dos sujeitos contemporâneos” (OLIVEIRA, A. M., 2012, p. 18). Dessa forma, elementos como a incerteza e a insegurança passam a impregnar o cotidiano de grande parte dos trabalhadores que, sujeitos à



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

vulnerabilidade e precariedade dos postos de trabalho, vêm obscurecida a possibilidade de elaboração de projetos de longo prazo (Idem, ibidem).

A crise de legitimidade das antigas instâncias que sustentavam a identidade do sujeito moderno, fez com que a dúvida e a insegurança se colocassem como elementos reais para o sujeito contemporâneo, em suas tentativas de ancorar as narrativas do eu (OLIVEIRA, A. M., 2012b; OLIVEIRA, A. M. e TOMAZETTI, 2012). Ademais, com a entrada da mulher no mercado de trabalho, deixando o ambiente privado do lar e se inscrevendo na esfera pública – sem falar na disponibilidade de anticoncepcionais e na crítica ao modelo patriarcal de sociedade – a economia¹ afetiva das famílias se alterou significativamente, considerando que o papel masculino em relação ao cuidado dos filhos pouco ou nada mudou a partir de então, fazendo com que crianças e adolescentes² vivenciassem a solidão cotidianamente³.

Birman (2006, p. 38), por sua vez, assim assevera a respeito:

[...] estamos ainda num momento histórico de passagem entre as ordens familiar moderna e pós-moderna, de maneira que as figuras parentais não conseguiram ainda encontrar a melhor solução e ponto de equilíbrio para tudo isso, qual seja, entre terem seus projetos existenciais singulares e o cuidado familiar dos filhos. Com isso, a fragilidade do investimento afetivo se faz geralmente presente, com os desdobramentos nefastos que isso provoca.

Assim, Oliveira, A. M. (2014, p. 187) entende, a partir do aporte teórico da psicanálise, que a agressividade pode tornar-se um traço comportamental na vida de sujeitos que, diante de um contexto sociocultural de subinvestimento narcísico, traz consigo os “[...] sintomas de um eu que se identificou de forma frágil com as figuras parentais”.

Outro ponto a afetar a vida do sujeito adolescente, destacado agora por Oliveira, A. M., (2012, p. 21) em relação às mudanças operadas nas últimas décadas, diz respeito à relação dos sujeitos com as mercadorias. Para o autor, vivemos uma sociedade de consumidores onde a

[...] instabilidade nos critérios de valoração social através de uma constante modificação dos padrões incentivados pela mídia e da obsolescência intencionalmente produzida dos artigos da moda, por exemplo, tem gerado uma incidência contundente na elaboração dos estilos de vida de homens e mulheres. Os

¹ O termo “econômico”, para a Psicanálise, diz respeito à quantidade de investimento psíquico em algo. “Qualifica tudo o que se refere à hipótese segundo a qual os processos psíquicos consistem na circulação e repartição de uma energia quantificável (energia pulsional), isto é, susceptível de aumento, de diminuição, de equivalências” (DICIONÁRIO CARABAJAL DE PSICANÁLISE CLÍNICA. Disponível em: <http://www.academialetrasbrasil.org.br/dicionariopscarabajal.htm>).

² Neste trabalho, o termo “adolescente” se apresenta como uma construção cultural e aponta para uma fase de acontecimentos psíquicos que atravessam o período da juventude (OLIVEIRA, A. M. e TOMAZETTI, 2012; JERUSALINKY, 2004). Este último, por sua vez, é visto como uma categoria definida também histórica e socialmente, não possuindo caráter universal, homogêneo ou estável, portanto, não podendo ser tomado etária e biologicamente como uma fase de transitoriedade entre a infância e a vida adulta (SILVA, PELISSARI e STEIMBACH, 2013).

³ Op. cit.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

objetos que adquirimos já não devem durar, pelo contrário, devem possuir uma durabilidade sempre até segunda ordem.

Houve, segundo Oliveira, A. M. (2012; 2014), uma re-hierarquização dos valores a partir das transformações operadas desde meados do século XX: a introspecção, a leitura de obras clássicas da literatura e o questionamento sobre os sentidos da vida e seus desdobramentos, tão valorizados na modernidade, cedem lugar à valorização do prazer imediato, onde “[...] o aqui-e-agora assume um papel de centralidade [...]” (OLIVEIRA, A. M., 2012, p. 20).

Na visão do autor, estaríamos a assistir um “[...] deslocamento da primazia de aspectos intimistas na construção e descrição do eu para aspectos sustentados somente pela exterioridade” (Idem, *ibidem*). Baseando-se em Costa (2005), o mesmo autor acrescenta: “as formas de vida [...] passaram a se legitimar no plano do debate científico. [...] A virtude moral deixou de ser o único padrão de vida reta e justa. [...] a forma corporal [tornou-se] garantia de admiração moral” (OLIVEIRA, A. M., 2014, p. 189-0).

Tal fenômeno, segundo o autor, estaria a favorecer processos de construção de si nos quais o outro se faz dispensável ou obsoleto, na medida em que “[...] o sujeito constitui-se no ponto de partida e de chegada do cuidado de si” (Idem, p. 192).

É em meio a esses estímulos e mudanças, pois, que os adolescentes contemporâneos têm de elaborar a construção de suas condutas na direção que a cultura lhes aponta, sendo os discursos parentais, ao que tudo indica, menos importantes que as narrativas sociais elaboradas fora do contexto familiar (OLIVEIRA, A. M., 2012).

A estabilidade da vida, como bem colocaram Oliveira, A. M. (2012) e Oliveira, A. M. e Tomazetti (2012), antes radicada num determinado lugar, alicerçada em vínculos sólidos e duradouros, “[...] estaria cedendo lugar para um outro modo de vida marcado pelo abrandamento, pela fragilização e pela provisoriade de vínculos do sujeito a territórios sociais afetivos” (JUSTO, 2012, p. 30).

A tarefa da escola, nessas circunstâncias, torna-se bastante complexa. De acordo com Justo (2012, p. 36-7),

Sobre ela, recai hoje a responsabilidade da formação “integral”, ou seja, é encarregada da tarefa de cuidar do desenvolvimento da criança e do adolescente no plano cognitivo, emocional, afetivo, social, político e tantos outros tidos como necessários para a formação do sujeito desse tempo. A escola firma-se como uma superinstituição, depositária dos fracassos de suas coirmãs e, sobretudo, como um dos últimos redutos de confinamento da moribunda sociedade disciplinar.⁴ Chega a

⁴ Para Justo (2012, p. 33), “[...] a sociedade disciplinar está dando lugar à sociedade do controle. [...] Portanto, a habitação dos espaços abertos, o aumento da velocidade, a expansão da circulação do sujeito e a autonomia não se traduzem em maior liberdade. Significa, isto sim, um outro modo de aprisionamento e subordinação aos novos (83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ser paradoxal visualizar o funcionamento social hoje primado pelos espaços abertos, pela automação, pelas relações impessoais, pela sociedade dispersiva, e, ao mesmo tempo, ainda mantendo a escola como espaço fechado e de confinamento organizado por segmentações rígidas de tempo e espaço, como muito bem demonstra a existência da clássica sala de aula, a divisão dos alunos em turmas e a seriação. [...] Enfim, temos uma escola aparentemente apartada do tempo e do lugar onde ela está situada.

A escola, tal como está estruturada, depara-se com sérias dificuldades para lidar com as necessidades desse sujeito contemporâneo. Afinal, dela está sendo exigida a formação do sujeito nômade, aberto à experiência de uma multiplicidade de interações afetivas, sociais e de contatos com toda a diversidade da produção cultural. É nela, também, que se dá a compreensão dos problemas e tensões de todas as esferas da vida “[...] onde subjetivações⁵ das condições vividas nesse tempo acontecem de forma intensa e com toda radicalidade” (JUSTO, 2012, p. 37).

A crise da escola pública dos dias atuais é igualmente reiterada por Souza (2002),⁶ para quem a profunda transformação sofrida pela escola, em sintonia com a também transformada cultura contemporânea, não permite que os objetivos⁷ do passado consigam se efetivar.

Tais constatações acerca do cenário contemporâneo, que favorece desinvestimento no futuro e uma ênfase no presente, leva alguns autores (OLIVEIRA, A. M. 2012; OLIVEIRA, A. M. e TOMAZETTI, 2012b; TOMAZETTI, et. al., 2012; SILVA, PELISSARI e STEIMBACH, 2013; SOUZA, 2002; DAYRELL, 2007) a perceberem a escola pública de ensino médio como um espaço social desregulamentado. Os mesmos autores acreditam ser preciso desencadear o interesse docente em promover momentos de horizontalidade na produção dos sentidos escolares, reconhecendo a manifestação das singularidades juvenis. “É preciso que [a escola] aceite que haja uma vida adolescente [em seu interior] e que não a considere como um desvio” (DUBET, 1997, p. 228).

Diante desses apontamentos, este estudo se propôs a investigar as construções de sentido de sujeitos que estão vivenciando o Ensino Médio Integrado atualmente no Brasil.

imperativos do capitalismo”. A esse respeito, ver também Dayrell (2007).

⁵ O termo “subjetivar”, para Justo (2012, p. 43), significa “[...] vivenciar cognitivamente e afetivamente as condições de sua existência [o autor faz referência ao ser humano] e responder a elas conforme as metabolizações ou elaborações que realiza com todo o equipamento e dispositivos psicológicos dos quais dispõe: pensamento, linguagem, consciência, inconsciente, percepção, memória, desejos, emoções, sentimentos, dentre tantos outros”.

⁶ Para a elaboração deste trabalho, a autora contou com os resultados de uma pesquisa por ela desenvolvida em estabelecimentos escolares públicos de ensino médio da capital paulista, onde jovens estudantes participaram de sessões de entrevistas coletivas e responderam a um questionário fechado.

⁷ A autora se refere à perpetuação da cultura por meio da formação e socialização das novas gerações. (83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

De uma maneira mais direta, nos propusemos a investigar as construções de sentido de estudantes do Ensino Médio Integrado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO) – Campus Palmas, buscando analisar, qualitativamente, as possíveis relações entre essas construções de sentido, acerca do Ensino Médio Integrado, e os discursos hegemônicos da sociedade contemporânea. Além disso, objetivamos verificar as concepções de estudantes do 3º ano da modalidade de ensino ora em análise, acerca das práticas docentes no IFTO Campus Palmas, numa tentativa de contribuir, a partir dos resultados encontrados, para que o IFTO/Campus Palmas possa implementar ações que visem ressignificar, junto a estudantes e professores, o sentido do ensino médio integrado, com vistas a que o mesmo, na instituição, possa atender às diretrizes nacionais ora vigentes.

Metodologia

O presente estudo utilizou uma abordagem qualitativa de pesquisa. Na presente pesquisa, o procedimento de coleta de dados foi a entrevista. O entrevistador, no caso do presente trabalho, é servidor lotado na Coordenação Técnico-pedagógica da instituição receptora dos estudantes que foram ouvidos durante as entrevistas, e assim reconhecido por uma parcela considerável dos estudantes. A possibilidade de que o reconhecimento do lugar de fala do entrevistador tenha causado influência sobre as falas dos entrevistados não deve ser ignorada. Conforme Freitas, (2002, p. 25), na abordagem qualitativa “o pesquisador [...] faz parte da própria situação de pesquisa, a neutralidade é impossível, sua ação e também os efeitos que propicia constituem elementos de análise”.

Entrevistou-se, por conseguinte, sete estudantes⁸ do terceiro ano do Ensino Médio Integrado, um de cada curso⁹ ofertado na instituição, nesta modalidade de ensino. Pelo fato de, no momento da coleta de dados, estarmos vivenciando um contexto de greve dos servidores federais de educação, os estudantes foram contatados via telefone, recebendo o convite para participação na pesquisa. As entrevistas, semiestruturadas, foram gravadas e transcritas¹⁰ para posterior análise.

O procedimento de análise dos dados foi a análise de conteúdo, com vistas a uma contextualização maior através do texto (verbal ou não-verbal). Pretendeu-se, com a análise

⁸ Os participantes têm entre 16 e 18 anos.

⁹ Os cursos de Ensino Médio Integrado ofertados no IFTO/Campus Palmas são: Administração, Agrimensura, Agronegócios, Eletrotécnica, Eventos, Informática e Mecatrônica. Como mencionado, foram entrevistados um estudante de cada 3º ano.

¹⁰ Procurou-se, na gravação, manter as falas literalmente como foram proferidas pelos participantes.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

de conteúdo, verificar categorias emergentes nos discursos dos sujeitos investigados. Essas categorias poderiam indicar contradições, incongruências e limites no modelo de Ensino Médio Integrado, atualmente implementado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – Campus Palmas.

Pelo fato de o presente trabalho ser fruto da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Gestão de Políticas Públicas da Universidade Federal do Tocantins, - UFT, optamos por discorrer somente sobre a categoria “insuficiência metodológica dos docentes” já que as demais discussões extrapolam as possibilidades do mesmo.

É com esse intuito que passamos agora ao próximo passo.

Resultados e discussão

Considerando as discussões até aqui empreendidas, passemos agora a analisar os resultados decorrentes de nossa pesquisa. Aqui, faz-se alusão às disposições dos estudantes entrevistados para com a forma como são ministradas as aulas pelos seus professores, buscando-se, assim, aclarar as distintas formas de envolvimento para com o processo de ensino e aprendizagem, averiguando suas motivações, frustrações ou modos de resistência.

Observou-se, durante as entrevistas, significativa frustração dos estudantes em relação à atuação dos docentes em sala de aula. Ressaltam que os professores dedicados, que preparam suas aulas e se mostram comprometidos com o que fazem são poucos. As colocações são variadas e fazem referência a diversos fatores, os quais apontaremos a seguir.

A linguagem utilizada pelo professor, na visão dos estudantes, é um dos primeiros obstáculos, tendo em vista ser bastante formal, complexa, “língua de superior”¹¹, o que dificulta o alcance das metas colocadas tanto pelo docente quanto pelo estudante, o qual tem suas expectativas frustradas. O reconhecimento da formação e qualificação docente foi mencionado enquanto aspecto positivo, todavia, há um descontentamento em relação à comunicação desses saberes, que não acontece de forma genuína, devido à metodologia utilizada pelos docentes. Críticas a um ensino memorístico, livresco e inflexível, que não dá margem para debates, esclarecimento de dúvidas, também foi apontado nas falas que se agrupam nesta categoria. Falta de comprometimento com o processo de ensino e aprendizagem – “enrolam, [...] dizem dar aula, mais não dá aula, faltam muito”¹². –, falta de organização e muita cobrança nas avaliações, falta de segurança e domínio do conteúdo –

¹¹ 17 anos, estudante do curso B.

¹² 17 anos, estudante do curso B.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

“[...] explicam olhando pra parede” “aula maçante”¹³ – são outros entraves apontados pelos sujeitos da pesquisa.

Os depoimentos nos permitem inferir que o sujeito contemporâneo, quando em seu papel de estudante, cria mecanismos de resistência às práticas pedagógicas descontextualizadas, baseadas em parâmetros consagrados em cenário distinto daquele no qual se inscreve. Tais mecanismos vão desde reivindicações até atitudes de indiferença, como demonstraremos mais adiante.

Se essas situações que visam à emancipação do estudante não são propiciadas adequadamente, ou se acontecem de maneira esporádica, prevalecendo um ensino tradicional, as reações dos estudantes podem ser de indiferença, como demonstram os depoimentos a seguir. Tais depoimentos respondem à pergunta: “Sua turma se mostra motivada durante a realização das disciplinas?”

Não. [...] Eu acho que isso tem mais a ver por causa do próprio curso de [nome do curso técnico]. Tem muitos que estão lá só por estar mesmo, então a maioria leva na graça mesmo e não presta atenção nas aulas e ficam fazendo joguinhos, assim, eles não levam muito a sério não. [...] eu vejo que na sala tem um grande desinteresse por parte dos alunos, uma grande parte mesmo, não tanto mais assim só nas matérias técnicas, todas, assim, vamos dizer, as várias aulas que a gente tem, existe muita bagunça, os alunos não dão muita moral, não copiam o conteúdo no quadro, vamos dizer assim, nem participam, né, no mínimo (17 anos, estudante do curso F).

Não. Minha turma, ela é muito desanimada, pra ela tanto faz e, é raro, eu acho que tem no máximo umas cinco pessoas lá que são motivadas mesmo, que têm uma visão, assim, de alguma coisa (17 anos, estudante do curso A).

Não. Minha turma é um pouco bagunceira nas aulas (18 anos, estudante do curso D).

[...] os meninos ficam no fundão, aí fica fazendo aquela bagunça [...] (17 anos, estudante do curso B).

Ora, além da perda de sentido do ensino técnico, evidenciada no primeiro depoimento agora elencando, o que estaria desmotivando as turmas durante as aulas? No primeiro depoimento há uma observação de que essa desmotivação acontece não só nas disciplinas de formação específica, levando-nos a inferir que a didática de grande parte dos docentes do IFTO/Campus Palmas não contribui para a motivação dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem. Observemos que o primeiro entrevistado afirma também que os estudantes “não copiam o conteúdo do quadro”¹⁴, denotando uma postura tradicional de atuação em sala de aula por parte dos docentes, os quais não inovam em suas propostas metodológicas, fazendo prevalecer um ensino desinteressante.

¹³ 17 anos, estudante do curso G.

¹⁴ 17 anos, estudante do curso F.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A postura e interesse dos professores pelas aulas também foi objeto de análise por parte dos estudantes que participaram da pesquisa. Algumas colocações revelam um desinvestimento docente, no sentido abordado por Oliveira e Tomazetti (2012).

Vejamos:

[...] em organização e postura, são poucos. [...] os professores aqui, eu acho que eles são muito... não sei se atarefados demais ou que têm que fazer muita coisa. Mais tem uns... é muito pouco os que, realmente tem organização de nota, essas coisas. Porque eu sinto falta assim de... realmente da organização deles, e a postura assim de não faltar, de avaliar direitinho [...]. Eu acho que é turma demais, pegar turma demais; ou é alguma coisa fora, tipo doutorado, mestrado. E aí eu acho que pesa muito pra eles. E aí fica meio disperso (17 anos, estudante do curso B).

Alguns professores [...] faltam muito [...]. Alguns, eu acho que não gosta da turma, porque a turma não é de prestar atenção na aula; outros, só não gosta de vim mesmo dar aula (18 anos, estudante do curso D).

[...] alguns professores, [...] que não tava muito interessado em dar a aula, só chegava mesmo e, na hora lá explicava. [...] a maioria dos professores, eles dão aula, os alunos, ou estão dormindo, ou então, algumas vezes, bagunçando mesmo, fazendo piadinha ali que, eu acho que, assim, pra uma escola de ensino técnico, acho que isso daí não devia acontecer (17 anos, estudante do curso F).

[...] porque, teve matérias que o professor, ele só dava a aula dele, a turma ficava bagunçando às vezes, ou tinha gente que dormia na sala e ele não tava nem aí, só dava a aula (17 anos, estudante do curso A).

A análise até aqui empreendida nos faz perceber um processo bidirecional, onde o desinvestimento dos professores influencia o desinvestimento dos estudantes e vice-versa. E é muito danoso para o estudante perceber o desinvestimento docente! Estaria a cultura contemporânea, que através dos seus discursos midiáticos convoca o sujeito para o entretenimento e prazer imediato, capturando também o professor? Aqui, mais uma vez, acreditamos na contribuição dos discursos sociais hegemônicos para a exacerbação desse processo de desinvestimento docente, que se evidenciou, com muita clareza, por intermédio dos dados obtidos. Observa-se, com base nos depoimentos, que o desejo de grande parte dos professores do IFTO/Campus Palmas não está no ato de ensinar, mas se encontra em outros lugares, ao que tudo indica, em territórios sociais legitimados por uma moral do prazer e do entretenimento (BAUMAN, 1998; COSTA, 2005; OLIVEIRA, A. M., 2012b). Não cremos, todavia, “[...] em ingenuidade ou ignorância dos professores acerca da intencionalidade do ensino que os mesmos têm buscado efetivar em suas salas de aula [...]” na instituição ora em foco (TOMAZETTI, et al., 2012 p. 111). Sabemos que “toda ação educativa é intencional [...] não havendo neutralidade possível nesse processo” (DCNEM, 2013, p. 182).

Diante do que até aqui foi colocado, não há como prescindir da recriação da escola para que esta possa desempenhar, de maneira efetiva, o



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

seu papel de agente transformador na sociedade. E o professor se constitui em peça fundamental dessa engrenagem. Suas concepções de mundo, de sociedade, de cultura, de ciência e da própria educação vão refletir na sua prática pedagógica, a qual terá efeitos significativos na vida dos estudantes e da sociedade em geral.

Assim, conforme destacado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio (2013, p. 252), “[...] em Educação Profissional, quem ensina deve saber fazer. Quem sabe fazer e quer ensinar deve aprender a ensinar. [...] os mesmos precisam estar adequadamente preparados para o exercício da docência [...]”. Só assim propiciaremos a emancipação e a autonomia do estudante no processo de ensino e aprendizagem e por que não dizer na sua participação enquanto cidadão na sociedade da qual faz parte.

Conclusão

A presente pesquisa teve como objetivo principal investigar as construções de sentido de estudantes do ensino médio integrado no IFTO/Campus Palmas. Acreditamos ter confirmado, mediante os dados coletados e analisados, os pressupostos teóricos que apresentamos nas discussões iniciais, a saber: de que os discursos contemporâneos acabam por impactar as construções de sentido de adolescentes estudantes do IFTO/Campus Palmas, seus modos de conceberem a sociedade, a educação e o próprio ensino médio integrado.

Os dados revelaram, em conformidade com o posicionamento de vários autores (JUSTO, 2012; OLIVEIRA, A. M. 2012; OLIVEIRA, A. M. e TOMAZETTI, 2012; TOMAZETTI, et al., 2012; DAYRELL, 2007; DUBET, 1997) a respeito da atuação da escola, por vezes alheia às perspectivas dos estudantes, que a metodologia efetivada por grande parte dos docentes em sala de aula no IFTO/Campus Palmas não corresponde às expectativas dos estudantes entrevistados.

Percebemos ainda, através dos dados obtidos, que os discursos contemporâneos estão redirecionando o desejo de grande parte dos professores do IFTO/Campus Palmas para fora dos muros do ensino médio integrado, conforme os relatos discentes, o que vem a denotar um significativo desinvestimento docente.

Acreditamos, pois, a partir da análise efetuada no presente trabalho e, igualmente, a partir dos referenciais teóricos por nós adotados, que o desinvestimento do ato de ensinar apontado pelos estudantes do IFTO/Campus Palmas possua uma estreita relação com os discursos hegemônicos da sociedade em que vivemos –



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

e que foram objeto de discussão teórica na presente na presente pesquisa. Cumpre destacar, nessa direção, um provável redirecionamento dos investimentos antes atrelados à atuação docente na sala de aula para outros lugares sociais. Lugares estes, podemos inferir, nos quais se legitimam a participação social eleita como prioritária na sociedade contemporânea, como aquelas protagonizadas em torno da compra e descarte de objetos de mercado e, igualmente, em torno da busca do entretenimento como estilo de vida. Noutras palavras, no lugar dos sentidos docentes vinculados aos objetivos pedagógicos do ensino médio integrado, por conseguinte, instituem-se outros sentidos, vinculados, pois, aos investimentos pessoais para uma cidadania extra-muros escolares completamente alheia aos objetivos educacionais do IFTO/Campus Palmas.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BIRMAN, Joel. Tatuando o desamparo: a juventude na atualidade. In: CARDOSO, Marta Rezende (org.). **Adolescentes**. São Paulo: Editora Escuta, 2006.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. In: BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DUBET, François. **Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor**. Entrevista concedida a Angelina Teixeira Peralva e Marília Pontes Sposito; tradução de Inês Rosa Bueno. Revista Brasileira de Educação, Mai/Jun/Jul/Ago 1997 nº 5.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. Cadernos de Pesquisa, n. 116, p. 21-39, julho/2002.

JERUSALINSKY, Alfredo. Adolescência e contemporaneidade. In: Conselho Regional de Psicologia – 7ª Região. **Conversando sobre adolescência e contemporaneidade**. Porto Alegre: Libretos, 2004.

JUSTO, José Sterza. Escola no epicentro da crise social. In: LA TAILE, Ives de; PEDRO-SILVA, Nelson; JUSTO, José Sterza. **Indisciplina/disciplina: ética, moral e ação do professor**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

OLIVEIRA, Adriano Machado. **Entre a instituição do consumo e a destituição docente:** considerações em torno da crise do saber escolar no contemporâneo. Educação Unisinos, volume 16, n. 1. Jan/abr 2012.

OLIVEIRA, Adriano Machado. **Entre consumidores e internautas:** a outra face da crise do ensino médio no Brasil. Disponível em: http://cascavel.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4788. Acesso em: 15 jul. 2015.

OLIVEIRA, Adriano Machado. **Narcisismo, biossociabilidade e escola contemporânea.** Psicologia e Sociedade, 26(1), 185-193, 2014.

OLIVEIRA, Adriano Machado; TOMAZETTI, Elisete Medianeira. **Sobre a condição juvenil na escola contemporânea:** cenários de uma crise. Atos de Pesquisa em Educação - PPGE/ME FURB 108 ISSN 1809-0354, v. 7, n. 1, p. 106-121, jan./abr. 2012.

OLIVEIRA, Adriano Machado; TOMAZETTI, Elisete Medianeira. **Quando a sociedade de consumidores vai à escola:** um ensaio sobre a condição juvenil no ensino médio. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 44, p. 181-200, abr./jun. 2012. Editora UFPR.

SILVA, Monica Ribeiro da; PELISSARI, Lucas Barbosa; STEIMBACH, Allan Andrei. **Juventude, escola e trabalho:** permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 39, n. 2, p. 403-417, abr./jun. 2013.

SOUZA, Celina. **Políticas Públicas:** uma revisão da literatura. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006, p. 20-45.

TOMAZETTI, Elisete Medianeira; et. al. **Os sentidos do ensino médio:** olhares juvenis sobre a escola contemporânea. São Leopoldo: Oikos, 2012.